

Depois do não, tudo é assédio

Julietta Palmeira*

Março, verão, carnaval da Bahia, tudo a ver. Muita gente passa o ano todo aguardando esse momento com a ideia de que nesse período tudo é tolerado. Curtir a vida com alegria nunca fez mal a ninguém, mas a violência sim! E a violência contra as mulheres é na atualidade um problema de saúde pública, que afeta a vida das mulheres quando não lhes tira a vida pelo feminicídio. Não se trata da violência no geral, cujos índices são alarmantes, mas da violência pelo fato de ser mulher. Os índices não são menos alarmantes. Não dá para continuar associando a ideia de curtir a vida e o carnaval com nenhum tipo de violência e em especial aquela cometida contra as mulheres.

O Carnaval de 2019 é o primeiro depois de sancionada a lei que tipificou a importunação sexual como crime. A lei dá visibilidade ao problema e prevê pena de um a cinco anos de prisão para o agressor. Antes dessa lei, muitas formas de assédio sexual eram uma contravenção, numa sociedade que banaliza vários tipos de violência contra as mulheres. No carnaval, seja em alguns blocos ou na pipoca, não é um fato raro de acontecer uma mulher ser arroteada por 'foliões' para obrigá-la a beijar um desconhecido ou ainda ter seu corpo tocado por eles, mesmo sem consentimento. E ainda tem gente que diz que se a mulher não quer passar por essa violência que não vá à festa ou que as vestes da mulher suscitam esse tipo de violência.

Para algumas pessoas, como se diz, é preciso 'desenhar'. Não se trata de combater a paquera saudável, os atos consensuais, o divertimento, o prazer entre duas pessoas. Qual é a linha limítrofe? Qual a diferença entre paquera e assédio? O slogan 'não é não' tem alcançado cada vez mais espaço, ainda bem. E há ainda a linguagem corporal do não. Uma boa referência é considerar que depois do não, tudo é assédio. Afinal, quando nós mulheres dizemos não, não estamos querendo dizer outra coisa.

A campanha Respeita as Mina de enfrentamento a violência contra as mulheres tem conseguido a adesão de artistas, blocos e da imprensa nesse carnaval. Além de prevenir e punir, enfrentar a violência de gênero exige avançar para uma masculinidade não associada à submissão das mulheres ao poder de mando dos seus maridos ou companheiros. Essa é a raiz da violência doméstica e familiar. Justamente no ambiente privado, aonde deveriam se sentir seguras, felizes com alguém que escolheu compartilhar a vida.

Sem dúvida, combater a violência contra as mulheres é um problema que deve unir governos e sociedade, homens e mulheres porque representa um avanço civilizacional. Sigamos porque queremos mulheres e homens com uma vida plena.

* Secretária de Políticas para as Mulheres da Bahia